

Para superação das crises, Brasil precisa abandonar o liberalismo econômico.

Entrevista especial com Luiz Carlos Bresser-Pereira (Por: João Vitor Santos)

Instituto Humanitas Unisinos - IHU, 6.12.2020

Para economista, com pensamento liberal não pode haver crescimento. Por isso, reedita sua tese novo-desenvolvimentista e assegura que imprimir moeda não é sinônimo de inflação descontrolada

A [crise econômica](#) que temos vivido em decorrência da **pandemia de covid-19** parece ter pego o **Brasil** de cheio. Segundo o economista [Luiz Carlos Bresser-Pereira](#), é preciso compreender que essa crise é nova, mas que vem no bojo de grandes crises nunca realmente superadas e que têm origem no **projeto liberal**. **Bresser** defende que o Estado não pode se retirar do jogo. “O **mercado** é uma maravilhosa instituição, não é mecanismo e nem ‘ente’, é uma instituição, um sistema de normas que coordena de maneira ótima uma economia, mas apenas na sua parte competitiva”, alerta. E, por isso, “os outros setores não competitivos, mais a **macroeconomia**, a **distribuição de renda** e ainda a **proteção do meio ambiente**, tudo isso depende da **intervenção do Estado**”. “Coisa que o [neoliberalismo](#) esquece e nós esquecemos também, desde 1990, quando o presidente **Fernando Collor de Mello** fez a abertura comercial”, dispara.

Na entrevista a seguir, concedida por telefone à **IHU On-Line**, o economista recupera a tese de que o **Brasil** vem sofrendo um **processo de desindustrialização**. Sem confiança para investir, as indústrias são sucateadas ou vão embora enquanto a ‘poupança pública’ míngua. É aí que entra sua [Teoria do Novo-Desenvolvimentismo](#). Mas, como investir em desenvolvimento no meio da crise? Para ele, o governo precisa criar condições, especialmente manter o **câmbio mais depreciado** e a **taxa de juros baixa**. “Tem que mudar o regime de política econômica, tem que abandonar o **liberalismo econômico** e voltar a ser **desenvolvimentista**. É preciso voltar a acreditar que deve haver uma intervenção moderada do Estado na economia e que é preciso ser **nacionalista econômico**”, aponta.

E uma das vertentes dessa **intervenção estatal** moderada, para ele, é a emissão de moeda. “É preciso pensar que a moeda é uma espécie de óleo lubrificante que permite que as transações aconteçam. E o **sistema econômico** precisa de um certo grau de liquidez”, endossa. Sua defesa está na experiência de outros países que fizeram a manobra para conter, por exemplo, a [crise de 2008](#). Além disso, **Bresser** destaca que essa operação tem sido retomada por muitos justamente para custear os **gastos decorrentes da pandemia**. “São despesas de subsídios às pessoas para as manter vivas, de subsídios às empresas para evitar que quebrem etc. Foram enormes gastos e grande parte está sendo financiada dessa maneira”, acrescenta.

No fim da entrevista, o economista ainda avalia as [políticas econômicas do atual governo](#), que define como “o pior governo que já vi em toda história de minha vida, de longe”. E conta ‘um caso’: elementos da **teoria novo-desenvolvimentista** foram apresentados – e muito bem aceitos – pessoalmente por ele a **Ciro Gomes** e **Fernando Haddad**, nomes que considera muito preparados para assumir a Presidência em **2022**. Além disso, olha para a [experiência chinesa](#) e destaca que o país resolveu seus problemas desde a realidade local, sem se abraçar a cânones do pensamento econômico. “Existem soluções para o problema brasileiro, mas é preciso que não se pense de acordo

com os livros-textos escritos pelos americanos e ingleses. É preciso que tenhamos capacidade de ver nossos problemas por nossa conta”, resume.



Bresser-Pereira em evento no IHU (Foto: João Vitor Santos - IHU)

[Luiz Carlos Bresser-Pereira](#) é professor emérito da Fundação Getúlio Vargas, atuou como professor visitante de desenvolvimento econômico na Universidade de Paris I (1978), de teoria da democracia no Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo - USP (2002/03), e de Novo-Desenvolvimentismo na École d'Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, entre outras universidades pelo mundo. Também foi ministro da Fazenda, da Administração Federal e Reforma do Estado, e da Ciência e Tecnologia no governo Fernando Henrique Cardoso. Bacharel em Direito pela USP, é mestre em Administração de Empresas pela Michigan State University, doutor e livre docente em Economia pela USP. Entre os livros publicados destacamos **A construção política do Brasil: Sociedade, economia e Estado desde a Independência** (São Paulo: Editora 34, 2016), **Desenvolvimento e Crise no Brasil** (1968/2003), **Construindo o Estado Republicano** (2004), **Macroeconomia da Estagnação** (São Paulo: Editora 34, 2007) e **Globalização e Competição** (Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2009).

CONFIRA A ENTREVISTA

IHU On-Line – O senhor defende que é preciso abandonar a ortodoxia econômica. Por quê?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Sou um crítico da **Teoria Econômica Neoclássica ou Ortodoxa**, que é a Teoria ensinada principalmente nas universidades americanas e inglesas. Entendo que essa teoria é essencialmente errada porque ela utiliza o método hipotético dedutivo ao invés de adotar um método empírico, histórico. Ao invés de ela observar a realidade e tentar generalizar a partir dessa realidade, o que os [economistas neoclássicos ortodoxos](#) fazem é partir de dois axiomas, como se faz em Matemática.

É o axioma do **homem econômico**, sempre racional e, portanto, seu comportamento é totalmente previsível, e a ideia das expectativas passionais, pois os agentes econômicos além de serem racionais e oniscientes, conhecem os modelos certos de economia e se comportam de acordo com isso. É um absurdo que resultou na **crise de 1929**, pois essa teoria foi dominante no mundo desde o final do século XIX até 1929. Mas que teoria é essa? É o **liberalismo radical** que voltou a ser dominante no mundo rico a partir de 1980 com a **virada neoliberal de Thatcher e Reagan**, e agora desde **2008**, quando houve novamente uma grande crise provocada por essas ideias, chegando até o momento atual, em que estamos em profunda crise.

Sou um **economista heterodoxo** e, entre os economistas ortodoxos, venho desenvolvendo desde 2001 uma teoria chamada de [Novo-Desenvolvimentismo](#). Essa **teoria novo-desenvolvimentista** tem origem em [Keynes](#) e nos desenvolvimentistas estruturalistas como [Celso Furtado](#) e [Raul Prebisch](#).

Ao invés de observar a realidade e tentar generalizar a partir dessa realidade, o que os economistas neoclássicos ortodoxos fazem é partir de dois axiomas – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU On-Line – Que respostas o Novo-Desenvolvimentismo pode trazer a essa crise que vivemos?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – O **Brasil** vive uma **crise econômica** muito grande desde 2014, que foi agravada por um **impeachment** em 2016 e agora ainda mais por uma pandemia terrível. Diante disso, o governo precisa reagir e as medidas que defende são de **austeridade**, ou seja, de reduzir o gasto público em toda parte e de manter a taxa de câmbio elevada (com elevada quero dizer não competitiva). E isso, evidentemente, é incorreto.

A tese de que nos momentos de crise o **Estado** precisa aumentar sua despesa contracíclicamente é uma coisa que foi originalmente desenvolvida por **Keynes** nos anos 30 do século XX e está mais que comprovado que é a forma correta de se fazer a **política macroeconômica**. Uma coisa curiosa é que, embora o governo seja contra esse tipo de política, ele, pressionado pelo **Congresso**, criou um [auxílio emergencial](#) muito grande. Foi voltado mais para os pobres, mas que, de alguma forma, sustentou a demanda neste ano e impediu que a crise econômica fosse mais forte ainda. Estava se prevendo uma **queda no PIB** de 9% e hoje a queda esperada é de 5%.

IHU On-Line – Então, o senhor considera já termos aí uma prova de que o Estado tem de gastar mais em situações de crise?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – A prova disso existe em toda parte, em mil casos. Em **2008** nós só não tivemos uma crise monumental porque todos os governos, tanto americano quanto chinês, também o brasileiro e os europeus, imediatamente fizeram **elevadíssimos gastos fiscais**. Além de irem correndo **salvar os bancos** que tinham quebrado. E isso deu certo, caso contrário a crise teria sido tão grave quanto foi a **crise de 1929** e a grande **depressão nos anos 1930**. Assim, reitero, isso está mais do que claro.

O problema é que, além de termos de enfrentar essa **crise de curto prazo**, nós precisamos pensar que o **Brasil** vive um [regime de quase estagnação há 40 anos](#). Isso é muito sério. O **Brasil**, entre 1950 e 1980, crescia a uma taxa per capita de 4,5% ao ano. Era uma taxa muito elevada, a segunda maior do mundo; só o **Japão** tinha uma taxa um pouco maior do que a do Brasil. Desde 1980 e, principalmente, desde 1990, quando o Brasil resolveu adotar o regime de **política econômica liberal ortodoxa** ao invés

de **desenvolvimentista**, a taxa de desenvolvimento do país tem sido de 0,8% ao ano. Veja: de 4,5% para 0,8% é uma diferença brutal.

E se nesse mesmo período compararmos esses 0,8% do **Brasil** com os **países ricos**, que nós deveríamos estar alcançando, veremos que eles cresceram 1,5% ao ano, ou seja, o dobro do **Brasil**. E os demais **países em desenvolvimento** cresceram 3% ao ano, quatro vezes mais do que nós. O Brasil está quase estagnado desde 1980 e nada é feito sobre isso. Nada é feito tanto pela **direita**, que está hoje no governo – aliás, desde 2016 –, quanto pela **esquerda**, que no **Governo Lula** tentou fazer alguma coisa, mas infelizmente no **Governo Dilma** tudo desmoronou. E uma das causas que se desencadeou em 2014 para a queda do governo, não foi a principal, mas uma delas, foi a **má gestão econômica da Dilma**.

O mercado é uma maravilhosa instituição, não é mecanismo e nem ‘ente’, é um sistema de normas que coordena de maneira ótima uma economia, mas apenas na sua parte competitiva
– **Luiz Carlos Bresser-Pereira**

IHU On-Line – Gostaria que recuperasse seus argumentos para a ‘semiestagnação’ que o senhor coloca.

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Para isso é importante lembrarmos que o **desenvolvimento econômico** depende fundamentalmente da taxa de investimento do país. Quanto maior for a relação do investimento em capital e o **PIB**, mais alta tende a ser a taxa de crescimento. Os países do **Leste asiático** tinham, normalmente, 35% de taxa de investimento. A **China**, que nos últimos 40 anos apresentou o mais extraordinário crescimento – na história do mundo nunca houve nada semelhante –, cresceu durante esse tempo cerca de 7,5% ao ano.

A **estratégia de desenvolvimento** usada pela **China** sempre foi **desenvolvimentista** e não **liberal**. Enquanto isso, em 1980 o mundo fazia uma **virada neoliberal**. É uma virada de um regime de política econômica desenvolvimentista – que pressupõe uma **intervenção moderada do Estado na economia**, com exceção dos setores não competitivos, com uma perspectiva de nação, em defesa do interesse nacional – para uma **virada neoliberal** com **Thatcher e Reagan**, na qual se espera que o mercado seja um ente ou um mecanismo milagroso capaz de coordenar tudo. Ora, isso é algo profundamente equivocado. O **mercado** é uma maravilhosa instituição, não é mecanismo e nem ‘ente’, é uma instituição, um sistema de normas que coordena de maneira ótima uma economia, mas apenas na sua parte competitiva. Aliás, o mercado funciona bem com competição, senão, não existe mercado.

Os outros setores não competitivos, mais a **macroeconomia**, a **distribuição de renda** e ainda a **proteção do meio ambiente** (mecanismos para frear aquecimento global etc.), tudo isso depende da **intervenção do Estado**. Coisa que o **neoliberalismo** esquece e nós esquecemos também, desde 1990, quando o presidente **Fernando Collor de Mello** fez a abertura comercial. Abertura essa que fez com que as tarifas aduaneiras caíssem de 45% para 12%, além da eliminação de subsídios à exportação de manufaturados que eram também de 45% e foram zerados.

Desde então, a **economia brasileira** cresce muito pouco, porque a **taxa de investimento** é muito baixa. Isso ocorre porque, devido a essa mudança de regime para o **modelo liberal**, os investidores foram desestimulados a investir.

O **investimento** acontece quando o empresário tem uma boa expectativa de lucro e sua taxa de juros, o seu custo do capital, é baixo. É uma lei geral e óbvia, ninguém vai investir sem esperar lucro e esse lucro tem que ser maior do que a **taxa de juros**.

Perda de competitividade

O que houve foi que as políticas adotadas pelo **Brasil**, a começar pela **liberalização comercial** e em seguida **financeira**, que foram adotadas ainda no **Governo Collor** e depois mantidas e aprofundadas no **Governo Fernando Henrique**, tonaram as indústrias brasileiras não competitivas. Mesmo as muito bem geridas que usavam a melhor tecnologia do mundo passaram a ter uma enorme desvantagem competitiva em relação às empresas do resto do mundo. Não apenas as empresas nacionais, mas também as multinacionais. E isso fez com que muita empresa falisse e também levou muitas multinacionais a irem embora.

Quando se tem uma **taxa de câmbio** apreciada no longo prazo e uma **taxa de juros** muito alta, se é completamente desestimulado a investir. E isso aconteceu desde 1990 até recentemente, porque veio a **crise de 2014** em cima dessa semiestagnação. Essa crise foi desencadeada pelo preço da **queda das commodities**. Na medida em que o **Brasil** passou a ter uma taxa de câmbio muito apreciada, entrou num processo de violenta desindustrialização, justamente pela apreciação da taxa de câmbio e porque a “**doença holandesa**” que existe no **Brasil** deixou de ser neutralizada – a doença holandesa é uma apreciação de longo prazo da taxa de câmbio de um país que exporta commodities, pois essa taxa é determinada pelas commodities. Essa taxa de câmbio deve cobrir o custo com lucro satisfatório das empresas produtoras de commodities, que são as dominantes. E quando há a doença holandesa, a taxa de câmbio corrente é substancialmente mais apreciada do que a taxa de câmbio das empresas industriais do país. Eu chamo isso de **equilíbrio industrial**, ou seja, tem o equilíbrio corrente dado pelas commodities que equilibra a conta corrente do país, que é conta comercial mais os serviços. A diferença entre o equilíbrio da taxa corrente e essas que as empresas industriais precisam para serem competitivas é a **doença holandesa**.

Quando se aprecia o câmbio, se resolve crescer com endividamento externo, entra-se em déficit em conta corrente, e quando entra nesse déficit é preciso que haja mais entrada do que saída de capitais no Brasil – Luiz Carlos Bresser-Pereira

Desindustrialização e os efeitos do câmbio

A **doença holandesa** era neutralizada até 1990 com **tarifas aduaneiras** muito altas, aqueles 45% que referi anteriormente. E, desde 1967, também por subsídios elevados à **exportação de manufaturados**. Tudo isso foi desmontado em 1990 de acordo com a **lógica neoliberal** e foi um desastre. A **desindustrialização** foi brutal e a **taxa de crescimento** também caiu brutalmente. Para se ter ideia, o **investimento no Brasil** representava 26% do **PIB** nos anos 1980, em média, e hoje representa 10%.

Isso aconteceu por causa da **taxa de câmbio** muito apreciada e por causa dos **juros muito altos** que atraíam capitais. Ou seja, havia duas causas para essa apreciação de longo prazo da taxa de câmbio que tornava as boas empresas não competitivas. Uma causa era a **doença holandesa** não neutralizada e a outra era a intenção de crescer não com endividamento externo, o que significaria que se está importando pouco de outros países e aumentando a sua capacidade de investimento. Isso é um enorme equívoco que a **teoria novo-desenvolvimentista** critica de maneira muito firme. Os brasileiros, não só os **economistas ortodoxos neoclássicos**, mas também os demais **desenvolvimentistas e pós-keynesianos**, acreditam que se o **Brasil** tiver um **déficit de conta corrente** de cerca de 3% do PIB e se esse déficit for principalmente financiado por empresas multinacionais, então estamos nos melhores dos mundos possíveis. Estaremos aumentando nossa capacidade de investimento,

porque esse dinheiro que vem de fora trazido pelas multinacionais vai aumentar a **taxa de investimento** e em seguida a **taxa de crescimento** do país.

Só que isso é completamente falso. Na verdade, quando se aprecia o **câmbio**, se resolve crescer com endividamento externo, entra-se em **déficit em conta corrente**, e quando entra nesse déficit é preciso que haja mais **entrada do que saída de capitais no Brasil**. Devido a isso, a **taxa de câmbio** se aprecia, pois também é determinada pela oferta e procura de moeda estrangeira. E quando isso ocorre, o poder aquisitivo não apenas dos **trabalhadores**, mas também as **rendas dos rentistas** (os juros, os dividendos e os aluguéis que recebem) aumentam, de forma que todo mundo fica feliz.

Mais consumo e menos investimento

E o que fazem com esse dinheiro? Consomem mais. Não investem porque na hora em que se tornou a **taxa de câmbio** apreciada, as boas empresas perderam competitividade, tornando-se mais barato importar aqueles produtos que antes se produzia localmente. Assim, evidentemente elas não investem, são desencorajadas a investir. Tudo isso explica uma parte fundamental dessa quase **estagnação da economia brasileira** desde 1990 até hoje.

Desde os anos 1980 a poupança pública se tornou negativa e os investimentos públicos caíram fortemente – Luiz Carlos Bresser-Pereira

Poupança pública

Há, ainda, uma segunda causa para a **semiestagnação**, que está relacionada à **poupança pública**. A poupança pública (toda a receita do Estado menos a despesa corrente ou de consumo) deve existir para financiar os **investimentos públicos**, que são sempre muito importantes. Uma economia que cresce bastante geralmente tem uma **taxa de investimentos públicos** de 20 a 25% do **PIB**.

A **poupança pública brasileira** era, na última década em que o Brasil **creceu** fortemente, nos anos 1970, de cerca de 4 a 5% do PIB. Isso fazia com que o **investimento público** fosse perto de 7% do PIB, porque o governo também usava um pouco de **endividamento público**. Mas desde os anos 1980 a poupança pública se tornou negativa e os investimentos públicos caíram fortemente, passando de 7% para 2% mais ou menos. Isso é uma segunda causa dessa quase estagnação.

IHU On-Line – O que muda com a crise de 2014 e com o cenário que ela traz?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Isso que destaquei acima vinha acontecendo no **Brasil** até 2014. No ano de 2014 veio essa grande crise, semelhante à ocorrida durante o governo de **Fernando Henrique Cardoso** entre 1998 e 2002.

Agora, é importante perceber que a **crise de 2014** começa ainda no governo do **PT**, de **Dilma**, e depois continua em tempos de **Bolsonaro**, até agora quando temos uma **crise econômica nova**. Essa crise nova teve uma consequência interessante: a **taxa de juros** caiu fortemente pela primeira vez. Eu venho criticando a taxa de juros muito alta desde 2001 e sempre dizendo que é absurda, a mais alta do mundo e, na verdade, essa **taxa de juros era uma captura do patrimônio público pelos rentistas e financistas**, que assumiram muito poder no governo desde 1990, enquanto os empresários industriais perdiam poder.

Essa **taxa de juros** tão alta vinha caindo aos poucos, tendo já estado muito alta em 1992, quando houve a **abertura financeira**, mas em 2014, com a enorme recessão, a taxa de juros teve realmente uma queda. O **Banco Central** foi obrigado a baixar a taxa porque a inflação quase desapareceu, havia falta de demanda, e a justificativa que o

Banco Central usava para manter aquelas **taxas de juros altíssimas** (que era de combater a inflação) já não se sustentava mais. Na verdade, a taxa de juros vinha alta para atrair os capitais e levar adiante aquela perspectiva de crescimento com endividamento externo.

A consequência dessa **queda da taxa de juros**, mais a **crise** que o **Brasil** vive hoje e a perda de confiança dos credores lá fora, foi uma **depreciação da taxa de câmbio**. Acredito que uma taxa de câmbio competitiva no **Brasil** hoje deve estar em torno de 4,80 Reais por dólar. E a taxa de câmbio está a 5,50 Reais, ou seja, está depreciada. Então, ótimo. A **economia brasileira** estava numa armadilha de juros altos e câmbio apreciável. Essa armadilha não existe mais neste momento.

Para voltar a crescer não basta sair da armadilha da taxa de juros, é preciso que o governo também volte a investir – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU On-Line – Mas o crescimento não veio. Por quê?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Não veio porque continuamos em crise. Quando se está em crise, quer dizer que não se tem confiança de que a demanda será mantida – como a demanda criada agora pelo **auxílio emergencial** –, que a **taxa de juros** será mantida baixa e que a taxa de câmbio continuará competitiva. Vendo como reagem as **elites brasileiras** e seus economistas, vai-se achar que isso não dura. E, ainda, a **confiança dos mercados financeiros internacionais** no **Brasil** hoje está baixíssima. O resultado é que começa a entrar **capital financeiro** no Brasil, que novamente vai fazer com que a **taxa de câmbio** volte a se apreciar. Os empresários não investem por isso, porque não têm confiança.

IHU On-Line – O que fazer para reverter esse quadro?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – O que o governo deveria fazer é não apenas ter uma **meta de inflação**, mas além disso deveria assegurar que a **taxa de câmbio** será mantida basicamente nesse nível. Em segundo lugar, assegurar que a **taxa de juros** permanecerá baixa. Pode ser aumentada quando houver um pouco de inflação, mas o nível da taxa de juros será civilizado, semelhante à taxa de outros países do mundo. Se o governo desse essas garantias para os empresários e se recuperasse a sua capacidade de poupança, então nós poderíamos voltar a crescer. Agora, para voltar a crescer não basta sair da armadilha da **taxa de juros**, é preciso que o governo também volte a investir.

A austeridade é um desastre. Porque austeridade quer dizer reduzir a demanda, causar desemprego, diminuir salário e isso não resolve o nosso problema – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU On-Line – Qual a solução para isso?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – A mais óbvia é a **austeridade**. Mas, ora, a austeridade é um desastre. Porque austeridade quer dizer reduzir a demanda, causar desemprego, diminuir salário e isso não resolve o nosso problema de jeito nenhum. É preciso recuperar as finanças públicas e voltar a ter uma poupança pública, mas isso só pode ser feito gradualmente, com muito cuidado e muita firmeza.

Agora, há uma coisa nova que surgiu no mundo e que promoveu uma revolução completa na **macroeconomia mundial**: a **emissão de moeda** pelos **Bancos Centrais** e os **Tesouros Nacionais**. A emissão de moeda foi sempre considerada o pecado máximo. Aqui no **Brasil** se explicava a inflação com emissão de moeda; no exterior os monetaristas explicavam a inflação com aumento de moeda.

IHU On-Line – Justamente, e como responder a esses economistas sobre essa perspectiva de emissão de moeda ser sinônimo de inflação descontrolada?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – No começo dos anos 1980, eu e [Yoshiaki] Nakano desenvolvemos toda uma **teoria de inflação inercial**, o livro principal é “**Inflação e Recessão**” (São Paulo: Brasiliense, 1984) [[a versão PDF da obra pode ser acessada aqui](#)], e nesse livro demonstramos com muita clareza que o aumento de moeda não causava inflação. Já num artigo de 1983, intitulado “**Fatores aceleradores, mantenedores e sancionadores da inflação**”, dizíamos que o fator acelerador da inflação – por exemplo, uma inflação de 1% ao ano subir para 2% – é o excesso de demanda, segundo explicação keynesiana.

O fator que mantém a **taxa de câmbio** num valor elevado, o fator inercial, é a indexação. O que mantém a **inflação** mesmo quando há recessão é o fato de que os agentes econômicos no **Brasil**, especialmente na época da alta inflação, indexavam formal (com base na lei) ou informalmente (segundo o costume) todos os preços de modo que a inflação só subia e não caía.

Em terceiro vem o fator sancionador, ou validador, que era o **dinheiro**. O dinheiro é consequência, endógena, do processo de crescimento. O dinheiro aumenta ou diminui numa economia na medida em que o crédito e as despesas do governo aumentam ou diminuem. Se tivesse uma **inflação** muito alta – durante anos a nossa inflação foi mais de 1.000% ao ano, mas vamos considerar uma inflação de 100% ao ano –, se o governo conseguisse impedir que a quantidade de moeda, que nasce do mercado, não aumentasse em nada, ficasse nominalmente exatamente igual ao começo do ano, tendo havido uma inflação de 100% nesse ano, isso causaria uma crise enorme, uma **crise de liquidez**.

É preciso pensar que a **moeda** é uma espécie de óleo lubrificante que permite que as transações aconteçam. E o **sistema econômico** precisa de um certo grau de liquidez. Isso estava lá em nossa teoria, que não era só nossa porque havia alguns economistas que afirmavam coisas semelhantes, mas o grosso dos economistas ignorava isso, tanto alguns ortodoxos quanto heterodoxos. Aí veio a **crise de 2008 no Norte** e primeiro houve uma reação muito correta, que já citei, **keynesiana**, e **grandes aumentos de gastos**. Mas isso foi em 2009.

Quando chegou em meados de 2010, definiram que deveriam voltar à **austeridade**. E de fato voltaram para a austeridade fiscal, mas os bancos centrais ignoraram esse fato e, vendo que a economia não se recuperava, começaram a fazer as **políticas de afrouxamento quantitativo**. Isso consiste em o banco central do país comprar títulos do governo ou das empresas em grande quantidade e, ao fazer isso, acelerar o processo endógeno de criação de moeda. Isso foi feito em volumes absolutamente extraordinários, principalmente no **Japão**, também nos **Estados Unidos**, na **Grã-Bretanha** e em países menores como a **Holanda**. Só não aconteceu nos países das **zonas do Euro** porque eles não têm um banco central para cada país para que seja feito o processo.

Neste ano de 2020, o ano da pandemia, esses mesmos países que têm seus bancos centrais e são ricos voltaram a emitir dinheiro enormemente – Luiz Carlos Bresser-Pereira

O funcionamento dessa operação

Nesse processo, quando se aumenta a quantidade de moeda e se compram **títulos do Tesouro**, e títulos novos ao invés de comprar títulos velhos ou títulos de empresas, se está emitindo moeda direta para financiar. Como a **despesa pública** estava muito baixa,

esse dinheiro servia para reduzir a [dívida pública](#). Para se ter ideia da importância disso, no caso do **Japão**, que foi o que mais fez isso, calculei que a **dívida pública japonesa**, que era de 260% do PIB, caiu em termos reais em 77%.

As estatísticas do **Japão** mantêm o mesmo nível de dívida porque não consideram essa operação. O **Banco Central** comprou do **Tesouro**, e a contabilidade pública deles define que quando o Tesouro deve para o Banco Central isso é **dívida pública**, o que é ridículo. A dívida pública é a dívida do **Estado**; o **Tesouro** e o **Banco Central** estão dentro do **Estado**. O Tesouro pode dever, mas o Estado não deve.

Esse medo de que a emissão de moeda causa inflação está muito no fundo da alma brasileira – Luiz Carlos Bresser-Pereira

Emitindo moeda e financiando despesas da covid-19

Mas aí veio a **inflação**? Não, não veio inflação nenhuma, absolutamente nenhuma. O tempo todo havia o medo da deflação e não da inflação. Podem dizer que essa revolução morreu aí, mas não morreu, porque neste ano de **2020**, o ano da pandemia, esses mesmos países que têm seus **bancos centrais** e são ricos voltaram a emitir dinheiro enormemente. O **Tesouro**, então, está vendendo títulos novos para o **Banco Central** para financiar as **despesas da covid-19**.

São **despesas de subsídios** às pessoas para as manter vivas, de subsídios às empresas para evitar que quebrem etc. Foram enormes gastos e grande parte está sendo financiada dessa maneira. Isso é uma forma muito heterodoxa e correta de fazer, desde que realizada com cuidado. Nós aqui no **Brasil** não fizemos. Isso chegou a ser discutido, eu fiz minha briga pessoal nos artigos que publiquei, mas não adiantou. O **medo da inflação** ainda é muito grande, esse medo de que a emissão de moeda causa inflação está muito no fundo da alma brasileira. O resultado é que a dívida pública brasileira estava em 80% do **PIB** e está subindo para 100%, o que é péssimo. Depois será preciso pagar isso.

As perspectivas para a economia brasileira são muito ruins. Em princípio, continuaremos nessa crise. Em 2021 certamente, porque a pandemia ainda não está resolvida – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU On-Line – Diante do atual cenário e das estratégias adotadas pela equipe econômica do atual governo, como o senhor vê o Brasil dos próximos anos? Como esse cenário deve impactar 2022, o ano eleitoral?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – As perspectivas para a [economia brasileira](#) são muito ruins. Em princípio, continuaremos nessa crise. Em **2021** certamente, porque a [pandemia](#) ainda não está resolvida e seus efeitos negativos estão aí. Agora, a partir do final do ano que vem, a confiança poderia voltar. E não só a confiança dos empresários e dos credores estrangeiros, o que não me importa, pois o crescimento não deve ser feito com endividamento externo. Mas se os **empresários brasileiros** e as **multinacionais** existentes aqui no **Brasil** voltarem a ter confiança, e vendo a taxa de juros baixa e a **taxa de câmbio competitiva**, poderão voltar a investir.

Agora, será que isso vai acontecer? Será que vai voltar a confiança com o governo que está aí? É impossível ao meu ver. Esse é o pior governo que já vi em toda história de minha vida, de longe. O que temos aí é gente absolutamente incapacitada para governar e está nos governando, ou desgovernando. São **políticas econômicas contraditórias** e realmente ineficientes. Acho que as **eleições de 2022** ainda vão ser tomadas nesse quadro de **baixíssimo crescimento, desemprego elevado**; acho que não muda não.

O que temos aí é gente absolutamente incapacitada para governar e está nos governando, ou desgovernando – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU On-Line – Mas realmente não tem solução para isso?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – É claro que tem. Não é fácil, mas tem que mudar o regime de política econômica, tem que abandonar o [liberalismo econômico](#) e voltar a ser desenvolvimentista. É preciso voltar a acreditar que deve haver uma intervenção moderada do Estado na economia e que é preciso ser nacionalista econômico, ou seja, pensar que o Brasil é um Estado-Nação que compete com todos os demais Estados-Nação do mundo. Não só as empresas que competem, são os Estados-Nação também. E para o Brasil poder competir, precisa ter um projeto nacional de desenvolvimento.

Existem soluções para o problema brasileiro, mas é preciso que não se pense de acordo com os livros-textos escritos pelos americanos e ingleses – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU On-Line – Em que consistiria esse projeto, dada a atual conjuntura?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Contaria com uma garantia de manter a taxa de juros num nível baixo, em torno do qual o [Banco Central](#) faz a sua política monetária. Significa, portanto, ter uma taxa de câmbio competitiva e uma taxa de inflação baixa. Para isso o governo precisa dar garantias de que agirá nesse sentido ao mesmo tempo que vai fazendo gradualmente o ajuste fiscal para recuperar a poupança pública. E é preciso que o governo também passe a ser autorizado a emitir moeda para financiar até 5% do PIB para investimentos públicos. Isso, desde que não haja excesso de demanda.

Uma reforma constitucional autorizaria [Banco Central](#) e Tesouro a fazerem essa emissão ao limite de 5%. E o Conselho Monetário Nacional, a cada três meses, se reuniria para, entre outras coisas, decidir se essa transferência de fundos produzidos por emissão de moeda pode continuar a financiar os investimentos ou se a demanda começou a ficar alta e a inflação começou a subir, sendo então preciso parar com esse processo por algum tempo. Existem soluções para o problema brasileiro, mas é preciso que não se pense de acordo com os livros-textos escritos pelos americanos e ingleses. É preciso que tenhamos capacidade de ver nossos problemas por nossa conta.

O capitalismo lá do Norte anda muito mal, não tão mal quanto o brasileiro, mas anda muito mal. Quem anda bem sempre são os países do Leste da Ásia, que são desenvolvimentistas. A China, que é quem anda melhor, é claramente um país estadista, mas que fez sua transição para o capitalismo a partir de 1980 e fez uma transição desenvolvimentista. Lá, o Estado intervém moderadamente na economia, controla os bancos, investe na infraestrutura e nos insumos básicos e deixa que o mercado funcione de maneira mais livre possível no setor competitivo da economia. São duas políticas: para os setores não competitivos, macroeconomia, administração do Estado, política econômica, e, para o resto da economia competitiva, dá-lhe mercado. Essa é a lógica chinesa, a lógica novo-desenvolvimentista, e é isso que nós deveríamos fazer.

Para construir uma sociedade é preciso saber que existe algo que se chama bem comum e esse bem comum precisa ser defendido por cidadãos com espírito republicano – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU On-Line – Para além desse grupo econômico que está no governo, o senhor encontra ecos tanto à esquerda como à direita? Suas sugestões são aceitas para que se construa uma alternativa visando as eleições de 2022?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Vou responder contando uma historinha. Em dezembro de 2017, um ano antes da **eleição de 2018**, eu telefonei para o **Ciro Gomes** e para o **Fernando Haddad**. Disse para eles o seguinte:

*“olha, vocês são, provavelmente, candidatos a presidente e a vice-presidente – eu já tinha na minha cabeça a minha chapa, mas isso era irrelevante; minha chapa era **Ciro Gomes** para presidente e **Fernando Haddad** para vice-presidente –, ou, de qualquer forma, vocês vão se candidatar e serão importantes, e estou desenvolvendo uma teoria nova e essa teoria deveria fazer parte das ideias que vocês vão defender caso eleitos. Então, proponho que no mês seguinte – estávamos no fim de dezembro – nós marquemos um dia e vocês reservem a tarde toda desse dia para eu dar para vocês uma aula de Teoria Novo-Desenvolvimentista e depois minha mulher oferece um jantar para vocês”.*

Eles vieram os dois juntos, dei minha aula, ficaram muito interessados e, depois, infelizmente, a chapa não aconteceu. Deveria ter acontecido, o **PT** não pensou bem, mas nos programas dos dois estavam presentes várias coisas que fazem parte da **Teoria Novo-Desenvolvimentista** e das políticas dela. Isso pode acontecer novamente. O **Ciro Gomes** vai ser novamente candidato a presidente, acabou de publicar um livro que é ótimo [o livro é **Projeto Nacional: O dever da esperança** (São Paulo: Leya, 2020)]. Esse livro mostra que o **Ciro** está mais do que preparado para ser presidente da República. O **Haddad** é capaz de ser o candidato pelo **PT**, ele também está preparado. Isso pode acontecer, mas não há nenhuma garantia.

Políticas erradas

As políticas erradas estão do lado **liberal** e são, obviamente, erradas. O Brasil **não** poderá crescer num **regime político liberal**, porque os liberais só defendem uma coisa: **ajuste fiscal** e reformas, mais nada. E nós fazemos sempre muitas reformas e eles sempre dizem que é preciso mais. Para manter a **taxa de juros** e a **taxa de câmbio** no lugar certo, não se pode adotar políticas neoliberais. Para ter uma **poupança pública**, não se pode ser **liberal**.

Eles dizem defender responsabilidade fiscal, mas eu também defendo **responsabilidade fiscal**. Só que eles não querem poupança pública, querem reduzir a despesa do **Estado** para reduzir a carga tributária e os ricos pagarem menos impostos. Os **liberais** não têm a menor possibilidade de promover o desenvolvimento do Brasil, e os desenvolvimentistas, alguns têm, mas não todos. Ainda há muito populismo e ideias antigas entre **desenvolvimentistas** e **pós-keynesianos**.

O capitalismo é uma forma de organização social que leva a muita injustiça e tende, naturalmente, ao individualismo – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU On-Line – Em uma das suas reflexões, que **reproduzimos no sítio do IHU**, o senhor diz que, em nossa sociedade, a “ideia de solidariedade perdeu espaço” e isso nos deixou doentes. Que solidariedade é essa e como reaver essa ideia?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Em primeiro lugar, o **capitalismo** é uma forma de organização social, um modo de produção, se quisermos usar a expressão marxista, que leva a muita injustiça e tende, naturalmente, ao **individualismo**. O **liberalismo político** tem uma parte boa que é a defesa dos direitos civis, o **Estado de Direito**, mas tem uma coisa horrível que é o individualismo feroz. No caso dos **Estados Unidos**, por exemplo, como o país, sendo liberal do ponto de vista político, conseguiu se desenvolver tanto?

A resposta é muito simples: é que nos **Estados Unidos** havia uma ideologia que neutralizava em boa parte esse **individualismo liberal**. Isso através de uma coisa chamada **republicanismo**, uma ideologia clássica que vem de **Aristóteles** e de **Cícero** na **Grécia** e a **Filosofia Política** que diz que ‘você só é livre quando está disposto a defender o interesse público. E, em certos pontos, está disposto a sacrificar seu próprio interesse para defender o interesse público’. O **republicanismo** é o oposto do **liberalismo**, porque este diz que se é livre para fazer tudo que se quer desde que não seja ilegal. Desse jeito não se constrói sociedade nenhuma, para construir uma sociedade é preciso saber que existe algo que se chama bem comum e esse **bem comum** precisa ser defendido por cidadãos com espírito republicano.

Isso nos Estados Unidos, onde o **republicanismo** teve uma influência muito grande. Vários daqueles que fizeram a independência tinham uma mistura, um pouco de **liberalismo** e um pouco, se não bastante, de **republicanismo**.

O **republicanismo** que domava o **capitalismo neoliberal** nos **Estados Unidos**.

Na **Europa** é a solidariedade, pois sabemos que lá o movimento socialista foi muito grande. E se pode pensar o **socialismo** como modo de produção em que se extingue a propriedade privada, mas se pode pensar o socialismo como a ideologia da igualdade social, da justiça social e da solidariedade.

Essas ideias socialistas foram muito fortes na Europa. E são até hoje, porque os governos social-democratas refletiam essas **ideias de solidariedade**. Assim, na **Europa** foi a solidariedade que domou o capitalismo. Então, o **capitalismo neoliberal** só funciona bem se for domado pelo **republicanismo** e pelo **socialismo**, pela **solidariedade** e a **ideia do espírito público** ou do **bem comum**.

O **neoliberalismo** foi um retrocesso muito forte, porque essas duas ideologias que domam o capitalismo individualista foram muito enfraquecidas.